



*Técnica*  
por Wilson Feitosa

# Tambaqui na batida

você ainda vai querer pegar um



*Pura ignorância! É a esta conclusão que chega o pescador que já teve a ventura de enfrentar o peixe redondo mais vitaminado que habita os rios amazônicos. Porém, encontrá-lo não é tarefa das mais fáceis, e quando isto acontece, vencê-lo é uma grande proeza, algo reservado a poucos privilegiados*

Foi em setembro de 1998, durante uma viagem de prospecção no rio Guaporé, em Pimenteiras (RO), que surgiu a primeira oportunidade para conhecermos esse peixe. Até então, não havia retrospecto da pesca dessa espécie com equipamentos esportivos, um situação que sempre fascina os pescadores ávidos por desafios. Durante o voo para Rondônia conhecemos o jornalista Ciro Porto da EPTV de Campinas, produtora do programa Terra da Gente, e o pesquisador Laerte Batista, gerente do Centro de Pesquisa e Gestão de Recursos Pesqueiros Continentais (CEPTA). Ambos tinham o mesmo destino e o propósito de gravar uma pescaria de Tambaqui, algo tão inédito até então, que resolvemos abandonar nosso trabalho por uns dias, e

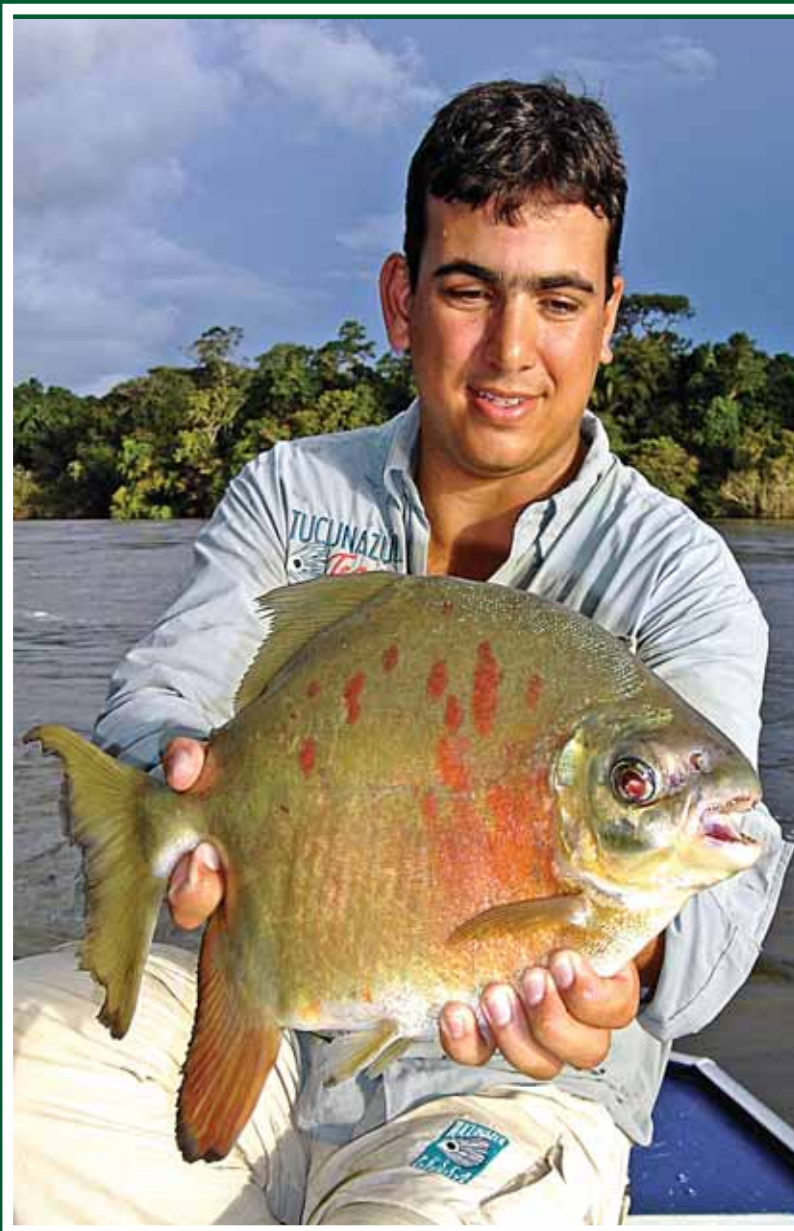
acompanhá-los neste desafio. E a missão não foi das mais fáceis, pois em que pese o fato de que era possível ver os cardumes dando rabadas na superfície, dos cinco dias reservados exclusivamente para essa empreitada, quatro se passaram sem que houvesse sequer uma captura. O sol escaldante castigava os pescadores diariamente, mas obstinados, nem mesmo o calor, o fato de terem apenas mais um dia de pesca, e a preocupação de verem o grande estoque de minhocaçus que haviam levado minguar, os fez desanimarem. E a recompensa veio. No último dia de pesca, com equipamento extra-pesado, Laerte fisgou um espécime com 28,7 quilos, um bicho de porte tão impressionante, que dias depois se tornaria o recorde mundial dessa espécie. Daquela época, até os dias atuais, muita coisa mudou: o rio

*ao lado o forte Tambaqui pego com o juari, o coquinho que dá em cachos na palmeira que é nativa das margens do rio Telles Pires*



Guaporé perdeu seu status de ser o único lugar com possibilidades reais de fisgar esse peixe de forma esportiva; a seca já não é considerada como a melhor época; os equipamentos se tornaram mais leves, e novas técnicas para serem utilizadas com iscas variadas foram desenvolvidas pelos guias que trabalham no rio Telles Pires, hoje tido como o melhor destino para quem gosta da brutalidade que significa a pesca desta espécie. Foi o que pudemos comprovar em maio de 2006, em pleno período de cheias.

Com o rio fora da caixa - o que costuma ocorrer entre final de janeiro e início de junho - muitas árvores que produzem frutos silvestres, entre os quais o caju, a cabaçarana e, principalmente o coquinho conhecido por juari, ficam dentro da água. São esses frutos que, quando caem do pé, atraem o Tambaqui e outras espécies que apreciam o mesmo cardápio. No período em que estivemos por lá, o juari era a única dessas iscas que estavam disponíveis. Ele dá em cachos de palmeiras altas e vistosas, e quando fica todo amarelinho está no ponto ideal. É usado com material de especificação média, e o método de pesca mais eficaz é a tradicional "batida". Essa técnica consiste em manter o barco a uma distância suficiente para arremessar a isca para cima, de modo que quando descer e tocar a superfície no ponto pretendido, faça o mesmo barulho que produz quando cai naturalmente do pé. Depois de tocar na água, o ideal é aguardar entre 10 e 20 segundos, e se não houver o ataque, repetir o procedimento. Os melhores



*o Pacu-borracha é uma das espécies que divertem o pescador envolvido com a pesca do Tambaqui*

pontos estão localizados exatamente abaixo dos pés de frutos, mas também não é raro ter ataques um pouco antes ou depois desses lugares.

***O encontro tão esperado***

Sem acreditar muito que um equipamento tão leve agüentasse

a briga com um espécime de grande porte, começamos a explorar os lugares com o perfil acima citado num final de tarde, logo após nossa chegada. E as primeiras ações não tardaram a acontecer. Entretanto não era o Tambaqui quem nos recepcionava, e sim o Pacu-borracha, uma espécie muito

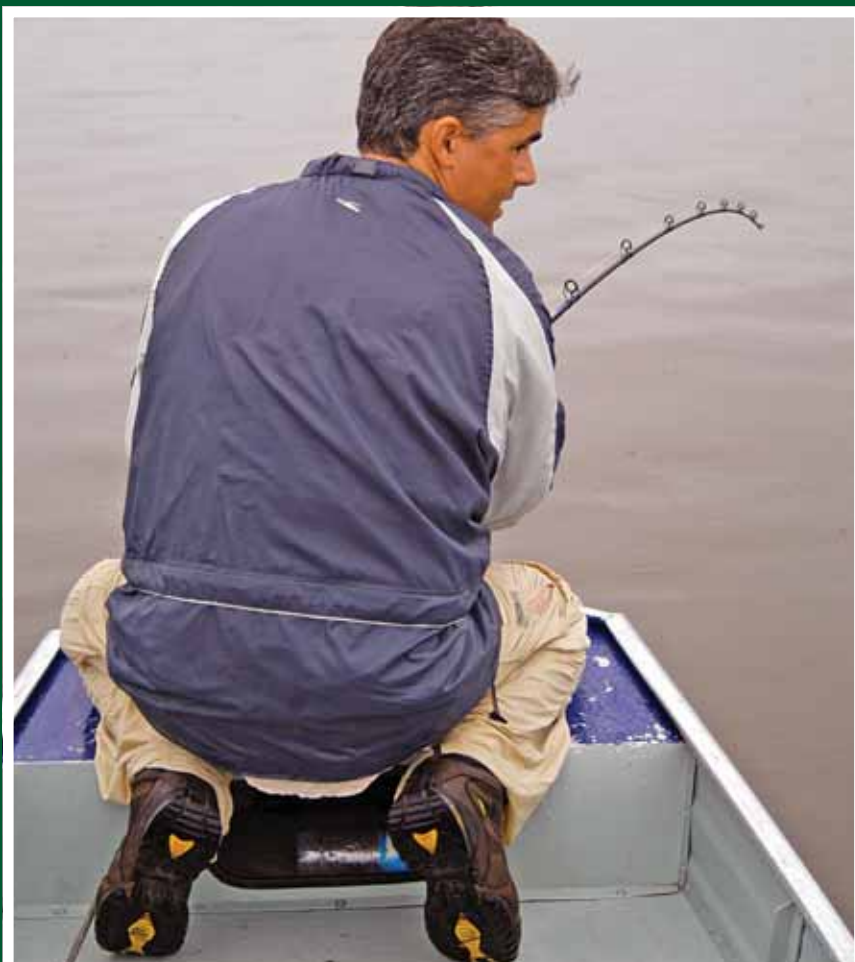
comum nessas águas, que apesar de não atingir grande porte, é a única desta família que dá saltos espetaculares, o que torna sua pesca muito divertida. Como estávamos na região para fazer um trabalho sobre as espécies de couro, apenas um, dos cinco dias que passaríamos lá, foi reservado integralmente para pescar esta espécie. E foi mais que suficiente!

Começamos nossa jornada colhendo as iscas, uma missão nem sempre muito fácil, pois apesar de existirem palmeiras de porte médio, as que estavam com os frutos maduros eram sempre as mais altas, e para piorar, os troncos são cheios de espinhos. Driblada a primeira dificuldade, começamos a pescar da forma acima citada, e depois de umas cinco ou seis mudanças de ponto, os ataques começaram a se suceder.

Nas primeiras batidas, pela falta de experiência, não tivemos tempo sequer de dar a fisgada, pois o Tambaqui também é mestre em roubar iscas. Mas com as intervenções super oportunas do guia, o primeiro espécime foi capturado. E é pura ignorância mesmo! A pancada é tão forte, que até mesmo o pescador mais experiente não consegue evitar o susto. E quando ele se sente fisgado, a velocidade com que esvazia o carretel é algo tão absurdo, que se a carretilha não tiver um bom freio e o guia não ligar o motor para persegui-lo e ajudar a cansá-lo, só haverá duas possibilidades: ou ele vai para onde bem entender, ou arrebenta a linha. Também é preciso contar com um pouco de sorte para que ele não corra para dentro da



*A enorme Pirapitinga vem como um prêmio extra para os pescadores que se dedicam a pesca do Tambaqui na batida*



mata, pois se isso ocorrer, adeus linha, líder, empate e anzol. Foram tantas fisgadas perdidas e linhas estouradas, que em determinado momento começamos a achar que seria impossível vencê-los naquelas circunstâncias. Mas após um período de aprendizado, conseguimos “pegar o jeito” e vencer a batalha com o Tambaqui. E a primeira captura foi motivo de muita comemoração, pois ao contrário do que havíamos testemunhado no rio Guaporé no final dos anos 90, ficou claro que agora é possível pescar essa espécie num período mais longo, com

*não importa o tamanho, fisgar um Tambaqui é sempre sinônimo de muita esportividade*



iscas variadas e com técnicas bem mais esportivas. E isto é uma notícia e tanto, afinal, o Tambaqui é pura adrenalina!

### *Os extras*

Outro grande atrativo durante esta pescaria foi a presença constante de outras espécies. Além do Pacu borracha, que já foi citado acima, a Pirapitinga, mais um peso-pesado da família dos redondos, também costuma disputar as iscas oferecidas. E ela não fica devendo nada quando o assunto é tamanho e força. Foi o que pudemos comprovar quando um espécime com cerca de 4 quilos foi fisgado. A princípio pensávamos se tratar de um Pacu, mas bastou um momento



de distração para que ele levasse tudo para dentro do mato, uma situação que exigiu muita dedicação e paciência do guia que nos acompanhava, já que ele foi

obrigado a entrar mata adentro, cortar galhos, passar a vara por baixo de obstáculos submersos, um esforço e tanto para que pudessemos por as mãos no animal.

### *Dicas do autor*

- ◆ Hoje em dia o rio Telles Pires é o lugar que possui o melhor retrospecto, infra-estrutura e guias treinados para a pesca desta espécie. O melhor da temporada situa-se entre janeiro e junho.
- ◆ A precisão nos arremessos é fator capital para o sucesso dessa pescaria. No entanto, não há com o que se preocupar, pois depois de algumas tentativas qualquer pescador acaba pegando o jeito.
- ◆ A batida do Tambaqui é muito sutil, porém não se engane. Dê uma fisgada vigorosa e se prepare para arrumar muita encrenca.
- ◆ Pode parecer exagero, mas para pesca desse peixe é preciso ter bom preparo físico, assim como tranquilidade, pois a briga costuma ser longa e muito bruta, e não há lugar para precipitações.
- ◆ Como última dica é importante ressaltar que para capturar um troféu desses é fundamental muita dedicação e paciência, pois como aconteceu conosco, é comum ter que fazer dezenas de arremessos para encontrar o peixe.

### *Onde Ficar*

A Pousada Mantega, fone (66) 3521 4767, possui uma das melhores infra-estruturas para a

pesca esportiva no país: apartamentos amplos e confortáveis com TV, ar e até banheira de hidromassagem; barcos e motores novos; telefone e internet banda larga. Seus funcionários de apoio são extremamente gentis e solícitos, e os guias treinados para orientar os pescadores sobre os mais diversos tipos de pescaria. O restaurante com seus pratos da cozinha internacional é outro grande diferencial, e ainda existe a possibilidade de encomendar um cardápio específico.

### *Equipamentos*

- Material médio pesado composto por vara para carretilha ou molinete para linhas ente 10 e 20 libras, com tamanho entre 1,80 e 2,10 metros.
- Carretilhas ou molinetes de tamanho compatível com as varas, e capacidade para armazenar entre 120 e 150 metros de linha



monofilamento com bitola entre 0,37 e 0,40 milímetro (ou linhas multifilamento com resistência em torno de 50 libras).

- Anzóis Mustad ref. 92676 tamanho 3/0

Se preferir use um líder com tamanho entre 2,5 e 3 metros, feito com monofilamento de fluorcarbono ou nylon transparente com 50 libras de resistência.

Com ou sem o líder é fundamental usar um empate de aço flexível com tamanho em torno de 20 centímetros e resistência em torno de 60 libras.